

## A CHEGADA DO OUTRO

Maria Clara Lucchetti Bingemer

O tempo do Advento vai chegando ao fim. Tempo marcado pela espera - a espera de Alguém, de um Outro que vem e mobiliza toda a nossa vida - encontra-se já em proximidade estreita com sua culminância, que é a Noite de Natal. Esse Outro desejado e esperado; esse Outro cuja espera é comemorada e vivida pela Igreja em tenso e intenso desejo é Jesus, o filho de Maria, o Filho de Deus.

Parece incrível que os tempos que vivemos, marcados pela impaciência e pela pressa; que não valorizam os rituais de espera e preparação dos momentos importantes da vida, mas procuram freneticamente antecipá-los e saber seu conteúdo prematuramente, ainda se deixem tocar pela espera e a chegada desse Outro. Parece incrível que o Natal ainda seja marca importante nos calendários e nas vidas modernas.

E no entanto, para além de toda a febre consumista e pagã que se apossa das pessoas, do comércio e da mídia durante o final do ano; para além de todo o olhar desviado com que tantas pessoas exacerbam durante esta época do ano seu narcisismo, seu hedonismo e sua autocomplacência, o Natal continua acontecendo e sendo celebrado. A chegada que coroa a espera desse que é humano como nós e ao mesmo tempo totalmente Outro, inteiramente diferente de tudo que nossos cinco sentidos podem perceber, ainda encontra um lugar nas vidas e nos corações humanos.

Sendo totalmente Outro, torna-se semelhante a nós em tudo, menos no pecado. Chega depois de tanta espera, criança recém-nascida de ventre de mulher, fragilmente exposta aos perigos, conflitos e violências da condição humana. O Onipotente se deixa ver, tocar e sentir na impotência de uma vida humana recém-começada. O Senhor do mundo, a Palavra que existia desde o princípio, deve começar um itinerário semelhante ao de toda criatura: ser nutrido, aprender a falar, aprender a andar, passar pelo doloroso e fascinante processo de crescer e viver.

Em Jesus no presépio, a Festa do Natal nos deixa contemplar Aquele que o mundo não pode conter, e no entanto coube no ventre de Maria. E cabe numa vida humana, com todas as suas limitações e finitudes. O Outro que esperamos e finalmente chega se apresenta a nós como mistério, como algo que não podemos compreender com a nossa razão, mas apenas sentir e viver com nosso coração. Como Alguém que é totalmente Outro e diferente, e no entanto se faz próximo a ponto de podermos contemplá-lo na indefesa figura de um bebê recém-nascido.

O novo catecismo da Igreja Católica assim define o mistério de Jesus Cristo que celebramos no Natal: "O acontecimento único e singular da encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que ele seja o resultado da mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem" (n. 464).

Diante desse mistério, caem por terra as posturas soberbas e as especulações frenéticas. Tornam-se inúteis as correrias consumistas e as confraternizações vazias. Pois nenhum outro sinal nos será dado a não ser "um menino envolto em faixas e deitado numa manjedoura". E nenhuma outra atitude se torna possível e sensata a

não ser os joelhos que se dobram em adoração e as portas que se abrem para o acolhimento.

[23/DEZ/2002]